

GERAL

AMBIENTE

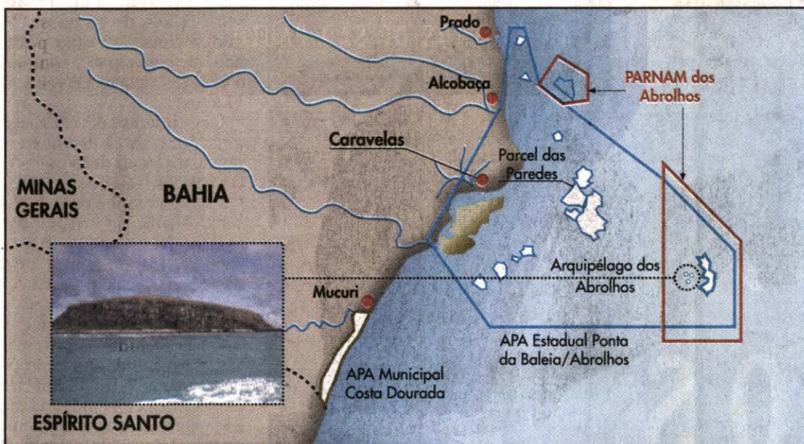
Aviso aos navegantes: cuidado com as baleias

A cada ano, elas são mais numerosas nos Abrolhos, desde que a região virou parque nacional

HERTON ESCOBAR

CARAVELAS – Quem navega pelo mar do Arquipélago dos Abrolhos precisa ficar de olhos abertos para o tráfego intenso na região. As baleias jubarte, gigantes de até 16 metros e 40 toneladas, estão por toda a parte nesta época do ano. Uma por uma elas deixam as águas frias da Antártida entre julho e novembro para procriar nas correntes quentes do sul da Bahia. O Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, um conjunto de ilhas vulcânicas e recifes de coral a 70 quilômetros da costa, é o mais importante berço das jubartes no Atlântico Sul. E o número de baleias está crescendo a cada ano, o que é bom para os conservacionistas e também para o turismo.

“A população está aumentando visivelmente”, afirma a bióloga Ana Freitas, que há 13 anos estuda os cetáceos do parque pela organização Instituto Baleia Jubarte. A estimativa mais recente é que 1.300 baleias frequentam o berçário dos Abrolhos – quase o dobro



da primeira contagem, em 1995. Mais de 800 delas já foram fotografadas e catalogadas com base nas características das caudas. Algumas já são velhas conhecidas dos cientistas e têm até nome, como Chifre, Cláudia, Jade e Vinícius. “Sempre que reencontramos uma baleia é uma sensação incrível”, conta Roberto Freitas, marido de Ana e outro biólogo veterano dos Abrolhos. O principal atrativo para as jubartes são as águas rasas, quentes e protegidas do parque. “É um ambiente propício tanto para o acasalamento

quanto para a cria do filhotes”, explica Ana. Ela acredita o aumento da população à proibição da caça comercial de baleias, instituída no Brasil desde 1987, e aos trabalhos de conservação da espécie.

Ameaça – Apesar de todos os esforços, no entanto, a baleia jubarte ainda não saiu da lista de espécies ameaçadas. Na década de 70, a população chegou a 10% do seu tamanho original, estimado em 150 mil animais. “A espécie está se recuperando bem, mas ainda está muito vulnerável. As esti-

mativas atuais vão de 25 a 50 mil baleias”, afirma a diretora do Instituto Baleia Jubarte, Márcia Engel.

Além da poluição marítima, derramamentos de óleo e redes de pesca, os preservacionistas temem o retorno da caça predatória pela pressão de países como o Japão e a Noruega na Comissão Baleeira Internacional. “A volta da caça é iminente”, lamenta Márcia. “O bloco baleeiro está cada vez mais forte.” A construção de um terminal portuário para o transporte de madeira dentro da área de proteção dos Abrolhos tam-

bém preocupa os biólogos (veja texto abaixo).

A movimentação de todas as baleias e embarcações de turismo no parque é monitorada há quatro anos a partir de um ponto fixo de observação no arquipélago. Os biólogos e fiscais do Ibama observam se os barcos seguem as regras de aproximação e aproveitam para estudar o comportamento das baleias. Um hábito peculiar das jubartes dos Abrolhos, apelidado de tail up, é ficarem paradas com a cauda para fora d’água por longos períodos. “Elas ficam assim por horas, até dias”, afirma Ana. “Acreditamos que seja uma posição propícia para a amamentação dos filhotes.”

Turismo – Mesmo sem se saber ao certo qual sua razão, esse exibicionismo das baleias proporciona ótimas fotos. O número de turistas que visitaram o Parque Nacional dos Abrolhos cresceu de 871 em

1988 para 12 mil, no ano passado. O pico foi em 1997, quando o parque recebeu 15.230 visitantes. As principais atrações ainda são o mergulho e os passeios pelo arquipélago, mas a observação de baleias está crescendo em popularidade. “Cada vez mais pessoas vêm aqui exclusivamente para ver as baleias”, afirma Márcia.

Monalisa Lins/AE



Atobás fazem ninhos nas ilhas

O potencial de crescimento é enorme. O turismo de observação de baleias movimentou US\$ 1 bilhão em 87 países no ano passado, atraindo 9 milhões de pessoas, segundo relatório divulgado nesta semana pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF). “O

turismo é a arma econômica dos conservacionistas contra a caça e precisa ser incentivado”, afirma a bióloga Maria Emilia Morete, também do Instituto Baleia Jubarte. “Os governos estão finalmente acordando para o fato de que uma baleia viva vale muito mais que uma baleia morta.”

Marco Terranova/TYBA



As águas quentes do litoral sul da Bahia são propícias para o acasalamento das jubartes. A presença delas estimula o turismo na região e colaborando para a preservação do meio ambiente

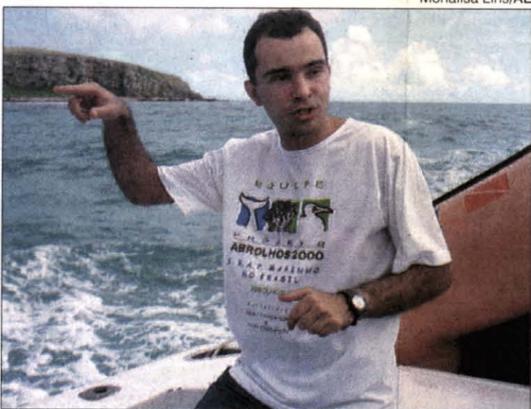
O medo que vem com o projeto de dragagem

Empresa quer dragar canal para trânsito de barcas, o que pode pôr em risco a reserva

CARAVELAS – O projeto de dragagem de um canal marítimo de 3,8 quilômetros dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) Ponta da Baleia/Abrolhos está tirando o sono dos ambientalistas no extremo sul da Bahia, que temem pela saúde das baleias e dos recifes de coral que sustentam a biodiversidade da região. O empreendimento, de US\$ 51,4 milhões, envolve a retirada de 700 mil metros cúbicos de areia do leito de uma saída de mar no município de Caravelas. A empresa Aracruz quer abrir caminho para o trânsito de barcas que farão o transporte diário de madeira entre Caravelas e sua fábrica de celulose no Espírito Santo. A construção de um terminal portuário já foi aprovada pelo

Conselho Estadual do Meio Ambiente (Cepam). O acesso será por um pontilhão de 250 metros construído sobre área de mangue. Falta agora o licenciamento da parte marítima, que é responsabilidade do Ibama. “Esperamos uma decisão antes do fim do mês”, afirmou o gerente de meio ambiente da Aracruz, Carlos Alberto Roxo. Ele garante que todos os cuidados estão sendo tomados para preservar o mangue e o ecossistema marinho durante as obras. “Não temos nenhum interesse em prejudicar o meio ambiente.”

A maior preocupação dos ambientalistas é com o destino dos sedimentos, que equivalem a 83 mil caminhões de areia. A empresa quer despejá-los no mar cerca de 2 quilômetros ao sul da área do canal. “O impacto ambiental será monstruoso”, afirma o biólogo Guilherme Dutra, coordenador do Projeto Abrolhos 2000, uma iniciativa da organização Conservation



Guilherme Dutra: “Impacto ambiental da dragagem será monstruoso”

International, Ibama e do Instituto Baleia Jubarte para preservar a biodiversidade da região.

Dutra teme que os sedimentos cheguem aos grandes recifes de coral da área de proteção, essenciais para a sustentação do ecossistema marinho e, conseqüentemente, para as atividades pesqueiras na região. O acúmulo de sedimentos poderia matar os corais. “A empresa diz que o risco é pequeno, mas na região com a maior biodiver-

sidade do Atlântico Sul não precisamos correr esse risco”, analisa o biólogo. A empresa entregou no ano passado o estudo e relatório de impacto ambiental (EIA-Rima), segundo o qual os recifes não serão afetados. O local escolhido para o despejo fica a 60 quilômetros do Arquipélago dos Abrolhos e 15 quilômetros dos recifes ao sul do canal. A oeste fica o Parcel das Paredes, o maior banco de recifes da região. “De forma nenhuma es-

ses sedimentos serão carregados até os recifes”, garante Roxo, citando análises do Instituto de Hidrografia Dinamarqueses (DHI).

Mas nem todos estão convencidos. “O EIA-Rima que foi apresentado é muito superficial, não permite afirmar nada”, rebate a a bióloga Márcia Engel, diretora do Instituto Baleia Jubarte. “Ninguém sabe como esses sedimentos vão afetar os recifes ou a pesca do camarão, que é a base da economia local.”

Em reunião realizada na semana passada, a Aracruz se comprometeu a apresentar nos próximos dias um programa detalhado para o monitoramento em tempo real da nuvem de sedimentos que ficarem suspensos na água. Caso venham a ameaçar os recifes, as operações de dragagem serão suspensas.

Baleias – Outra preocupação é com os cetáceos da região, principalmente as baleias jubar-

te e franca. O risco de as barcas colidirem com os animais é pequeno, mas a Aracruz está trabalhando com os biólogos do instituto para definir as rotas mais seguras. “Como serão apenas duas barcas por dia – uma indo e outra vindo – poderemos fazer um bom monitoramento”, afirma Márcia.

A Aracruz, uma das maiores empresas de celulose do País, planeja economizar 15% nos gastos com o transporte de eucalipto, que hoje ocorre pela BR-101. “Vamos substituir cem caminhões de madeira por dia, o que deve aliviar o tráfego intenso na rodovia”, afirma Roxo. A empresa também está administrando 60 cursos profissionalizantes de pedreiro, mecânico, motorista e outras atividades para moradores da região. Segundo a Aracruz, o projeto deve criar 700 empregos, diretos e indiretos. “Esperamos preencher 80% dessas vagas com mão-de-obra local”, garante Roxo. (H.E.)

